

# Gaspar Frutuoso e Bernardim Ribeiro: A revelação de Deus faz-se na História

António dos Santos Pereira <sup>1</sup>

## Resumo

Gaspar Frutuoso é conhecido sobretudo como o primeiro grande historiador das ilhas atlânticas portuguesas e objecto de trabalho privilegiado por aqueles que lhe sucederam no ofício. Ora, a par de Bernardim Ribeiro, aquele deve ser também considerado literato, poeta e novelista, a primeira árvore da floresta insular açoriana, com outras do tamanho de Antero de Quental, Teófilo Braga, Vitorino Nemésio e Natália Correia. Para além da leitura de pergaminhos e papéis velhos, aqui fica demonstrado o seu conhecimento dos romances ibérico, português e insular primitivo, compilado ou ainda em tradição oral e comprovada a sua capacidade de utilização dos símbolos e dos mistérios para transmitir ideias e imaginários, de forma velada, mas em nome do Amor, da Sabedoria e da Verdade, as melhores expressões de Deus.

**Palavras-chave:** Romanceiro, criptojudaísmo, cristãos-novos, *Saudades da Terra, Menina e Moça, Crisfal*.

## Introdução

«Comunicando eu isto com um grego velho e douto me disse que sempre fora costume dos seus antigos sábios e filósofos encobrirem grandes segredos debaixo de fingimentos» (Aveiro 1593: 23)<sup>2</sup>.

Não faltam elementos de criptojudaísmo na *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro (1482-1552) e naturalmente nas *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso (1522-1591), que lhe segue o género, os títulos primitivos *Saudades* e *História dos Dois Amigos*, a forma da narrativa, os conteúdos e, em alguns trechos, até o texto (Frutuoso 1998: liv. V, cap. 14). Porém, torna-se muito difícil identificar um e outro autor como cristãos-novos e resolver definitivamente tal polémica a propósito, embora dêmos como provado o contexto cultural extraordinariamente influenciado por estes, também ao nível do romanceiro desde os tempos medievais. Em Portugal, a tríade formada pela **Verdade** escondida, filha do Tempo (tradição), na irmandade da **Vergonha** e do **Temor**, impôs o predomínio das novelas e versos de amor fino que os eclesiásticos católicos puderam subscrever sem ferir o celibato e corromper a melhor **Fama**. Porventura, nesta opção pela literatura polida, os autores citados intervinham tanto na forma no conjunto de romances de tradição oral popular, obviamente muito belos, mas de conteúdos chãos, por vezes soezes, como nos que recebiam já recolhidos e apurados por outros como veremos adiante.

---

<sup>1</sup> Docente no Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior.

<sup>2</sup> Actualizamos nesta parte a ortografia

Decerto, Gaspar Frutuoso, o vigário da matriz da Ribeira Grande, habilitado pelas três potências da alma, **Memória, Entendimento e Vontade**, na implacável força do destino e sob a influência da venerável Margarida de Chaves (1530-1575), conheceu e soube exprimir o amor humano, tanto em português, quanto em castelhano, em prosa e em verso, e pode ter atingido o nível do amor místico divino, sobre o qual nós mal conseguimos dissertar, por inefável, limitados que estamos ao amor humano, ainda que na totalidade do ser, corpo e alma, sentidos e razão. O historiador açoriano demonstrou ainda inserir-se nos temas literários mais recorrentes em Portugal desde os tempos medievais: a saudade e a morte de amor. No misto de género que prosseguiu na sua novela de amor fino e de cavalaria, não faltam também o bucolismo, as parémias, os provérbios e ditos de sabedoria, tão em voga no seu tempo e que já desenvolvemos em outra parte, além de um simbolismo muito rico e de conhecimentos exotéricos que deve ter adquirido ao longo da sua formação.

### **1. Referências à vida, formação e obra de Gaspar Frutuoso**

Pouco sabemos quanto às origens de Gaspar Frutuoso, dito por alguns filho de um rico proprietário ou mercador de Ponta Delgada. No entanto, parece certo que foi tio do licenciado António Furtado da Rocha e de Gaspar Frutuoso da Rocha, de acordo ao testamento do primeiro, datado de 27 de Janeiro de 1660. Assim, o nosso historiador podia ser familiar de António da Rocha, rendeiro da Confraria de Nossa Senhora da Estrela, em 1578, por seu turno, filho de Francisco Pires (Pereira 2006: 308). As asserções genealógicas de Rodrigo Rodrigues dizem-nos que o licenciado António Furtado da Rocha era filho do capitão Melchior Alves da Rocha e de sua mulher Margarida Furtada, moradores na Ribeira Seca e casados a 5 de Julho de 1592 na Matriz da Ribeira Grande, neto paterno de Manuel Rodrigues da Rocha e de sua mulher Maria Pires, mencionados pelo Dr. Frutuoso na genealogia dos Rochas, no capítulo 25.º do Livro 4.º das *Saudades da Terra* e neto materno de Frutuoso Dias e de sua mulher Catarina Nunes, casados pelo Dr. Gaspar Frutuoso na Matriz da Ribeira Grande, a 23 de Fevereiro de 1568. Em síntese, Rodrigo Rodrigues, afirma Gaspar Frutuoso filho de Frutuoso Dias, mercador, morador em Ponta Delgada e da sua primeira mulher Isabel Fernandes e irmão de um outro Frutuoso Dias que encontramos a exercer os cargos de almotacé, procurador concelhio, procurador de Simão de Almeirim e provedor dos resíduos na Ribeira Grande em 1577-1578 (Pereira 2006: 69, 70, 198, 307).

Nós não duvidamos da amizade de Gaspar Frutuoso ao médico Gaspar Gonçalves, companheiros que foram em toda a vida e citaremos adiante. Decerto, a ele se refere quando diz que Maria Correia de Drumonde descendente de uma das principais famílias estabelecidas em Ponta Delgada casara com «Gaspar Gonçalves, de tanto nome e fama na medicina além de outras muitas graças e perfeições de que Deus o dotou» (Frutuoso 1998: liv. IV, cap. 34) e cita, por exemplo, as tentativas de descoberta por este de prata em S. Miguel (Frutuoso 1998: liv. IV cap.85) e a efectiva localização de pedra-hume (Frutuoso 1998: liv. IV cap.92). Também provámos a existência de um círculo de personalidades melómanas na segunda metade do século XVI na Ribeira Grande de que ambos faziam parte. Lembremos que, em 1555, vivia na Ribeira Grande um Francisco Dias, organista (Pereira 2006: 144), e, em 1578, o boticário Gaspar Gonçalves era bom em de canto de órgão, sendo-lhe concedido em auto, com a presença e a assinatura de Gaspar Frutuoso, o mantimento de mestre-de-capela a exemplo do que acontecia em Ponta Delgada (Pereira 2006: 270).

Gaspar Frutuoso estudou em Salamanca onde adquiriu o bacharelato em Artes entre 1547 e 1549 e em Teologia nos anos 1553-1558. Regressado à ilha de S. Miguel, presidiu a actos litúrgicos na vila da Lagoa entre 1558-1560. Apenas, por curiosidade, notamos que, ao regressar à sua ilha, a personagem Filomesto se apaixona por uma tal Gurioma, anagrama de Guiomar, nome frequente em S. Miguel ao tempo. A suposição que algumas personagens assim disfarçadas «devem representar pessoas com quem se passaram porventura episódios emocionantes da juventude acidentada do autor» (Rodrigues 1922) parece-nos plausível. Por exemplo, em 1558, era perdoada por D. João III uma tal Guiomar de Lima, da Ribeira Grande, S. Miguel, por ter assassinado o seu marido (Braga 2008). Aqui deixamos alguns dos anagramas e criptónimos utilizados pelo cronista açoriano na sua obra e a interpretação possível.

#### **Anagramas e criptónimos em Gaspar Frutuoso, Livro quinto das Saudades da Terra**

<b>Anagramas/Criptónimos</b>	<b>Nome/significado</b>	<b>Referência Histórica ou de enredo</b>
Aenio	Joane	Irmão de Sisfranco e Tomariza
Antredobelo	André Botelho	Família Botelho, Ponta Delgada
Avalor	Álvaro	Senhorio de fora, Ribeira Grande
Bertalemo	Bertolameu	Irmão de João d'Arruda
Constadalemo (I)	Manuel da Costa	Senhorio de fora, Ribeira Grande
Constadalemo (II)	Manuel da Costa	Sacerdote
Costidano	Jerónimo da Costa	Senhorio de fora, Ribeira Grande
Daumodario	João d'Arruda	-
Filidor	Filho da Dor	-

Filomena	Amiga da Música	-
Filomesto	Amador triste	Gaspar Frutuoso ?
Gosmindo	Domingos	-
Guardarima	Margarida	-
Gurioma	Guiomar	
Lhantebolema (I)	Manuel Botelho	Família Botelho, Ponta Delgada
Lhantebolema (II)	Manuel Botelho	
Naciomena		Paixão de Aénio
Narfendo (Rei)	Fernando	
Natónio	António	Amigo de Filomesto e Filidor
Nhervoga	Vergonha	
Ricatena	Caterina	Ama Filomesto que não lhe retribui.
Segurtedabor	Duarte Borges	
Silcofrasbono	Francisco Lobo	Escrivão em Ponta Delgada
Sisfranco	Francisco	Irmão de Aenio e Tomariza
Tomariza	Zara Mito?	Irmã de Aenio e Sisfranco, significa o mundo por quem Filomesto morre de amores
Torme	Temor	

Todavia, entre 1560 e 1564, encontramos Gaspar Frutuoso, em Miranda, coadjuvando D. Julião de Alva (1500-1570) na administração do respectivo bispado e na publicação primeiras Constituições da diocese, em 11 de Novembro de 1563. Devemos notar que este bispo era natural de Madrigal e fora confessor e esmoler-mor de Dona Catarina de Áustria com quem viera de Espanha (Ramalho 1980: 154-155).

Regressado definitivamente à sua ilha, o nosso cronista tomou posse como vigário da matriz da Ribeira Grande em 1565, quando contava 43 anos. Ausentou-se algumas vezes em estudo, viagens ou férias, não sabemos onde, desde 22 de Junho a 7 de Outubro de 1573, e, provavelmente, em 1581 e 1582. Durante largos anos, foi director espiritual da venerável Margarida de Chaves e desempenhou a incumbência de visitador do Mosteiro de Santo André de Ponta Delgada, em 1587, em representação do bispo de Angra. Entre 1586 e 1590, ultima a sua obra histórica. Para a compor, além do manancial documental e das relações que lhe foram enviadas, dispunha de uma livraria pessoal de cerca de quatrocentos volumes, onde constavam as melhores edições levadas a cabo ao longo do século XVI: desde Damião de Góis a Luís de Camões e outros que citamos adiante. Faleceu de forma repentina a 24 de Agosto de 1591.

Poderemos considerar Gaspar Frutuoso um humanista, como o intitulou Rodrigo Rodrigues, capaz de escrever em profundidade sobre qualquer tema? Mesmo considerando apenas a obra que chegou até nós, não duvidamos na resposta positiva e parece-nos certo que outras se perderam nos fundos do Colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada. Todavia, os seus textos não conheceram letra de forma, durante séculos, pelo

que ficou restrita a sua influência até ao século XIX quando os Açores se afirmam plenamente no espaço cultural português e não só.

A formação intelectual de Gaspar Frutuoso deve imenso ao humanista português João de Barros. A *Gramática da Língua Portuguesa*, o *Diálogo da Viciosa Vergonha*, os *Diálogos de Preceitos Morais com Prática deles, em Modo de Jogo*, editados em 1540, decerto, sustentaram parte da sua formação juvenil. Porventura ainda em S. Miguel, Gaspar Frutuoso deve ter lido as *Trovas* de Cristóvão Falcão (1515-1557?) na folha volante publicada de 1543 a 1546 ou na edição de Ferrara de 1554, lugar e ano em que também foi editada a *História da Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, que conheceu como ninguém. Com Cristóvão Falcão familiarizou-se com o tema do exílio: Maria é exilada por ter correspondido aos amores do pobre pastor Crisfal.

Vindas da Flandres, espaço privilegiado de actuação dos mercadores portugueses, cristãos-novos, *Las obras de Boscan y algunas de Garcilasso de La Vega repartidas en quatro libros*, editadas em 1546, em Anvers (Antuérpia), despertaram o interesse daquele jovem dotado para as letras e, se não as adquiriu, deve ter copiado muitas das composições insertas. Diríamos que através de Boscán (1487-1542 e Garcilaso de la Vega (1501-1536) se familiarizou com a língua castelhana que desenvolverá nos anos seguintes em Salamanca. Sendo jovem e insular, os temas desenvolvidos nestes livros tocaram-no muito. Nestes anos, ainda antes de embarcar para a Península, devem ter chegado até ele as obras de Damião de Góis editadas em Lovaina em latim, acaso, *Hispania* e *Aliquot Opuscula*. Provada está a sua leitura das obras deste autor publicadas posteriormente em Lisboa: a *Crónica do Príncipe Dom João* e a *Crónica do Felicíssimo Rei Dom Emanuel*. Nos anos em que se preparava para os estudos universitários fora da ilha, teve acesso ao *Livro das obras de Garcia de Resende* editado em Lisboa em 1545. Por outro lado, as primeiras linhas da *História dos Dois Amigos* demonstram-nos que conhecia o canto nono dos Lusíadas, porquanto faz coincidir as ilhas dos Açores com as ilhas dos Amores. Fica por demonstrar o possível conhecimento, por Gaspar Frutuoso, de Dona Gracia Nassi, a mulher mais decisiva da comunidade de cristãos-novos portugueses em todo o século XVI. Dona Gracia Nassi (Beatriz de Luna Micas ou Miques) (1510-1569), dita “A Senhora” era familiar do professor universitário e médico Agostinho Micas (Pereira 2003: I, 206). A rede de negócios sustentada pelo marido e cunhado, os capitalistas judaicos Benveniste, Francisco e Diogo Mendes, e extraordinariamente desenvolvida *a posteriori* por ela, depois do falecimento daqueles, protegê-la-á durante as perseguições futuras movidas

pelas diferentes inquisições nacionais. Entre os protegidos de Dona Gracia, estão algumas figuras de uma dimensão cultural inaudita, Salomão Usque, nome hebraico de Duarte Gomes, e Amato Lusitano, pseudónimo do médico beirão João Rodrigues de Castelo Branco (1511-1568), também poeta.

## 2. As Fontes do *Livro V das Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso

As principais fontes do *Livro V das Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso foram Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão. Quando Gaspar Frutuoso despertou para a cultura, decerto, estes tinham atingido o apogeu da expressão literária. Acreditamos que ao regressar aos Açores, depois de completar a sua formação em Salamanca, entre 1547-1549 e 1553-1558, Gaspar Frutuoso trazia entre os seus livros a *História da Menina e Moça*, talvez na edição de Ferrara de 1554, que tinha anexa a *Crisfal* de Cristóvão Falcão que também abordará em todo a sua simbologia e significado. Todavia, não podemos aceitar a opinião que tem feito escola segundo o qual o *livro V das Saudades da Terra* de Frutuoso deve ter sido escrito no imediato à edição da obra de Bernardim Ribeiro (Arrimar 1984: 50), porquanto Frutuoso já conhecia a obra camoniana quando deu a forma final ao seu texto, embora nos pareça que o mesmo recorre a trechos compostos ao longo da sua vida<sup>3</sup>. Mais do que as referências do historiador, aqui, encontramos os suportes literários de Frutuoso e fica documentado um exercício de estilo. Com efeito, a geração de estudantes contemporânea do historiador açoriano na Universidade de Salamanca, em meados do século XVI, foi surpreendida com várias edições do romanceiro hispânico, uma das quais acreditamos tenha adquirido<sup>4</sup>. Notamos, o inestimável contributo sefardita dado a tal romanceiro e já confirmado (Pidal 1968). Também nos parece que ao lado da formação pública que fizera, por este livro V, fica demonstrado que o vigário da Ribeira Grande completara toda uma outra aprendizagem que poderemos chamar oculta na leitura e trato da literatura fina. Com isto, não frustrava Jesus Cristo que ao lado dos seus apóstolos canónicos e públicos, tivera outros ocultos. Nicodemos constitui a melhor prova. No século XVI, era bem conhecida esta distinção» (Aveiro 1593: 45). Até ao século XIX, a obra de Frutuoso circulou manuscrita, sendo conhecidas cerca de meia centena de

---

<sup>3</sup> Jorge Arrimar justifica a sua afirmação por estar o mesmo composto «numa letra mais perfeita e harmoniosa do que os outros livros do códice frutuosiano».

<sup>4</sup> *Cancionero de Romances, Silva de Romances e Silva de varios romances*.

cópias. Pouco ou nada se tem dito acerca da não edição em letra impressa, durante séculos, desta obra e nós não poderemos ir além de suposições ainda que sem grande originalidade. A acusação de procedência cristã-nova a Bernardim não podia deixar de ser feita também a Gaspar Frutuoso. A suposta pertença à família Dias, as ligações mercantis e a temática do dito livro podem indiciá-la. Nos não duvidamos da condição cristã-nova dos mercadores da família Dias da Covilhã, no mesmo período. Já observámos algumas ligações<sup>5</sup> e não deixa de ser curioso que o primeiro cristão-novo covilhanense queimado na Inquisição de Coimbra tivesse o nome António Lopes (ANTT, *Inquisição de Lisboa*, liv. 794, fls. 324, 363v-364) e a primeira cristã-nova micaelense sujeita a igual pena em Lisboa se chamasse Maria Lopes (Pereira 1979). Aquela tríade dita acima, presente na terra dos vivos, Verdade, Vergonha e Temor, pode corroborar o cripto-judaísmo de Frutuoso. Também nos parece que Gaspar Gonçalves, médico e amigo de Gaspar Frutuoso, tinha procedência judaica, porventura filho do mercador Diogo Gonçalves que vemos a operar na Ribeira Grande em 1555. Ficamos sem saber se eram factores económicos ou outros, como o medo da inquisição, que motivaram o desejo de saída deste clínico, em 1578, da Ribeira Grande. De facto, o mesmo deu ocasião à reunião de todos os elementos da nobreza da vila em 19 de Abril daquele ano e à elaboração do mais importante termo camarário subscrito por vinte e quatro personalidades (Pereira 2006: 268-270). Notamos que o inquisidor Marcos Teixeira visitara S. Miguel em 1575 e, entre outros, acusara o cirurgião Simão Álvares, morador em Santa Maria (Pereira 1980: 180-184). No processo em que o Tribunal do Santo Ofício condenou e fez queimar, em 1576, Maria Lopes, natural de Melo, na Beira-Serra, mas residente na ilha de S. Miguel, constam orações em hebraico que demonstram como ali estava arreigado o judaísmo na segunda metade do século XVI e curiosamente também um poema (Pereira 1979: 185-187). Provada foi já a competência literária do médico Gaspar Gonçalves (Serpa 1925).

---

<sup>5</sup> Álvaro Gonçalves ou Isaac Toro, natural de Castelo Branco, casado com Mécia Vaz, de quem teve 4 filhos, residiu em Alcains onde se baptizaram os pais e três filhos quando os judeus foram expulsos de Portugal. Em ano de fome e más colheitas, estabeleceu-se na ilha de S. Miguel. Aqui, nasceu-lhe o quarto filho e teve problemas com as justiças episcopais por ter sido acusado de fazer fígas ao Santíssimo e apedrejar a cruz. Saiu do arquipélago e foi para Huelva, residindo em Gibráleon durante dois anos. Daqui, saiu para Palma, cerca de 1505, onde, em Santa Cruz, montou a sua oficina de sapataria. Entretanto, compra vinhas, emprega jornaleiros e adquire três escravos. Conservava a fama de feiticeiro que ganhara nos Açores. O seu judaísmo trouxe-lhe problemas com a Inquisição nas Canárias a partir de 1506. Preso em 1524, no seu julgamento testemunham 57 pessoas. Foi executado em auto de fé em 24 de Janeiro de 1526. Luís Alberto Anaya Hernandez, «Una Comunidad Judeoconversa de Origen Portugues a Comienzos del Siglo XVI, en la Isla de la Palma», in *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, Setembro de 1988, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1990, pp. 685-700

O género da *História dos Dois Amigos* como o da *História da Menina e Moça* de Bernardim não é fácil de deslindar. De facto, é uma narrativa, com a retoma de bordões dos contos que a tradição oral manteve de geração em geração. Na *Menina e Moça*, a narradora sustenta a história naquilo que seu pai lhe contara. Relembramos, entretanto, que passada a meninice e a adolescência, reconhecida a capacidade da guarda do segredo, cumpria aos pais a judaização dos seus filhos. A Verdade de Frutuoso utiliza também a figura do pai para sustentar a narração (Frutuoso 1998: liv. V, cap. 5 e 7 et passim). O *topos* físico da narrativa de Gaspar Frutuoso é a ilha de S. Miguel, “ilha do meu desterro”, o vale da Ribeira Grande, o *topos* simbólico é o vale de Lágrimas da vida humana, mais ou menos largo e longo, mas sempre triste, face ao verdadeiro mundo da bem-aventurança fora da História, portanto utópico. A narrativa imaginada cruza-se, em dado trecho da intriga, com a História e a Geografia reais. Os três amigos Filomesto, Aénio e Filidor encontram-se em Salamanca. Aénio volta “a esta ilha” e, entretanto, falece o príncipe D. João, pai de D. Sebastião (Frutuoso 1998: liv. V, cap. 19). Lembremos a dimensão do vale que Cristóvão Falcão representa entre Sintra e a Arrábida, todo o estuário do Tejo, o rio das lágrimas de todo o país. Fernando Pessoa retomará o *topos* em «mar português»: «Oh mar salgado quanto do teu sal são lágrimas de Portugal». A flora referida é quase toda a da ilha de S. Miguel: faias, cedros, louros. Todavia, parece-nos significativa a alusão continua aos álamos ou choupos. A associação destes aos cursos de água, a perda da folhagem no Outono e a renovação anual garantiam uma intensa carga simbólica. A fauna é contrariada pela presença do Lobo, que não existia em S. Miguel. Os encómios à sua ilha não podem ser passados em vão, ela está entre as melhores e as maiores, diz o autor, no primeiro capítulo, e bem povoada «de homens nobres e fidalgos», repete, no imediato, porventura indiciando terem vindo figuras das casas de Coimbra durante o reinado de D. Afonso V e de Viseu e Bragança no reinado de D. João II.

Os dois amigos, Filomesto e Filidor, de Frutuoso<sup>6</sup> correspondem aos dois amigos, Lamentor e Bimnarder, de Bernardim Ribeiro. No entanto, parece-nos bem mais difícil a identificação do herói Filomesto da narrativa Frutuosiana ao mesmo autor do que a de Bimnarder a Bernardim Ribeiro. Porém, se o amigo Filidor coincide com o outro eu da Verdade não podemos deixar de acreditar que ambos constituem um desdobramento do eu do cronista açoriano (Frutuoso 1998: liv. V, cap. 1), antecipando

---

<sup>6</sup> *História dos Dois Amigos que houve na ilha de S. Miguel* assim denominada no final do *Livro IV das Saudades da Terra*. Note-se que os dois amigos Filomesto e Filidor são naturais da ilha.



Antero e Pessoa em tais artificios e apelando a Deus, cuja natureza se multiplica em três pessoas. Notamos mais cavalaria, mais Filosofia e Teologia tomista e doutrinária em Frutuoso do que em Bernardim onde há mais intimismo e filosofia platónica. Extraordinária, em Frutuoso, a perspectiva de uma monarquia electiva, portanto, em modelo republicano, que convinha, por exemplo, ao caso português sem um monarca natural depois de 1580 (Frutuoso 1998: liv. V, cap. 22). Mais capacidade de decisão, nas personagens de Gaspar Frutuoso – mais fatalismo, em Bernardim. As paráfrases insertas por Gaspar Frutuoso levam-nos a concluir pela forma subtil como soube excluir as fórmulas próximas da reforma protestante de Bernardim e evitá-las. A doutrina do livre arbítrio está presente em Frutuoso de forma repetida notá-la-emos na abertura do livro I como já foi notado por Rodrigo Rodrigues e no livro V como citamos:

«...com o livre arbítrio do cavaleiro cristão, que Deus deixou e pôs na mão de cada um homem, que é homem e aceita qualquer cargo, quanto mais este, deve sujeitar seu juízo à razão, para sofrer todo trabalho de sua livre vontade, e fazer juízo de si mesmo, sem esperar ajuda nem juízo de outrem, que o force e governe» (Frutuoso, 1998: liv. V, cap. IV)<sup>7</sup>.

### **3. O material simbólico e as inferências históricas**

A obra de Gaspar Frutuoso apresenta uma referência marcante na sua obra cujo simbolismo poderá ir muito além do que imaginamos: a morte do Príncipe João, pai de D. Sebastião, em 1554. O espaço da escrita, o porto de partida e o ponto do regresso, depois da morte do pai de Filomesto, localizam-se na ilha, no isolamento, significando a solidão da Verdade, talvez de Deus. Mas há um mundo de mistérios e símbolos na trajectória deste herói frutuosiano colocado numa trama de que não podem fazer parte a alegria e o sucesso, mas apenas a ventura triste, o desamor. Não podemos deixar de considerar que entre os livros de Gaspar Frutuoso constaria não só um dicionário de mitologia que usa parcimoniosamente no seu livro quinto das *Saudades da Terra*, mas também algum guia dos principais bestiários e não haveríamos de descurar a descoberta nele da simbologia tomada aos profetas bíblicos e a alguns mitos designadamente o do eterno retorno.

No que concerne à mitologia, Filomesto é comparado pelo maioral dos pastores a um outro Ganimedes, um belo jovem por quem Zeus se apaixonou e transformado em águia possui em pleno voo e transporta para o Olimpo imortalizando-o. Porém mais do que alusões mitológicas, aqui, podemos deduzir conhecimento, por parte de Gaspar

---

<sup>7</sup> Actualizamos a ortografia

Frutuoso, da simbologia comum às trovas apuradas de Bandarra: o maioral dos pastores é o papa e Narfendo, o rei Fernando, que aparece naquelas. No capítulo terceiro, onde aparece a cena, sucedem-se os contrastes entre as cenas da mitologia clássica e as alusões bíblicas. A serra que aparece, logo no terceiro capítulo, significa o contrário de vale, o «alegre vale», como Samuel Usque disserta na *Consolação* (fl. 6v), decerto, paradisíaco, ou paraíso reencontrado, a terra de leite e mel. Lá estão o altíssimo cipreste, escada do céu, a fonte, veio do paraíso, os álamos, os freixos e as aves canoras, melros e rouxinóis, a sinfonia divina. Quando Frutuoso escreveu não se ligava, ao conceito serra, o sossego e o ar puro, como hoje, antes o medo e a solidão, porventura o encontro de Moisés com Deus no Horeb descrito no capítulo 3 do Êxodo. Filomesto seria então um outro Moisés com a missão de tirar do Egipto o povo do Senhor, «os filhos de Israel» (Ex. 3, 10). A morte da Loba remete para as façanhas de David face a Golias (1 Samuel 17, 13-58). A identificação de Filomesto a David depreende-se também da árvore, junto da qual se senta e dela colhe um ramo fazendo lembrar o profeta Isaías: Brotará uma vara do tronco de Jessé e um rebento brotará das suas raízes (Is. 11, 1). A árvore de Jessé constitui tema permanente na arte portuguesa como já foi assinalado por Flávio Gonçalves.

Também não deixa de ser curiosa a afirmação imediata sobre o conhecimento adquirido por Filomesto acerca dos seus antepassados «sabendo quem ele era e donde descendia» (Frutuoso 1998: liv. V, cap. 3). As maravilhas, que o bordão de Filomesto faz, trazem à memória a vara de Moisés. Assentando nós que o texto frutuosiano tenha sido escrito depois de 1580, nele podemos também descobrir referências à situação de exílio em que Portugal vive depois daquela data. As oitavas remetem a *Os Lusíadas* na forma, mas a 2 Rs 24, 10-25 e aos profetas bíblicos, Isaías e Jeremias, no conteúdo, particularmente às lamentações deste. Guardadas as devidas distâncias, o Tormes corresponde ao Nilo, ao Tigre e ao Eufrates.

«Ou com o seco frio o sacro Tormes  
Detém suas correntes cristalinas,  
Ou com ver minhas mágoas tão disformes,  
De desfavores tantos tão indignas,  
Ou por entre si serem tão conformes  
As quedas, que ele faz, e minhas ruínas,  
Assim as doces águas tem paradas  
Por ver as minhas lágrimas salgadas.

Vem a sequiosa ovelha dos outeiros  
Descendo, por beber das águas puras,  
Sem seu pastor, nem guarda dos rafeiros,  
Deixando o mais rebanho nas alturas,  
Sem lembrança de ovelhas, nem carneiros,

Enjeitando seus pastos e verduras,  
Cuidando beber água com que medra,  
Tocando a boca nela, dá na pedra.

(...)» (Frutuoso 1998: liv. V, cap 18)<sup>8</sup>

Frutuoso mostra-nos um rio parado, transformado todo num penedo, esperanças congeladas para toda a criatura que o procura. A imagem do penedo já aparecera em Bernardim a estancar as águas e há-de aparecer em *Os Lusíadas* no episódio do Adamastor (V, 56). A memória remete sempre para o Jordão. Entretanto, ao longo da segunda metade do século XVI, uma comunidade de judeus portugueses, mais de quatrocentos, estabelece-se nas suas margens em Sapheto (Aveiro 1593: 226V).

O bestiário presente em Gaspar Frutuoso não é demasiado complexo. Os passarinhos, que afastam Filomesto do mercador a quem os pais o entregaram, podem significar a ruptura com o judaísmo. Não nos indica a espécie da ave que desencaminhou Filomesto. Decerto, uma ave canora, porventura o rouxinol, com uma presença extraordinária como motivo literário nos autores portugueses desde Bernardim a Garrett (Martins 1974: 20-31). Mais curiosas são as presenças da Loba e do Lobo, que Filomesto matou, que nos poderiam remeter também para o criptojudaísmo de Frutuoso. A terra dos lobos é Espanha, assim constava já na *Consolação* de Samuel Usque desde 1553: «ypocrita cruel e loba Espanha, rabazes e encarnilçados lobos tragarom, e inda tragam em ty o meu veloso rabanho» (Usque 1553: fl. 2v). Em Usque e em Frutuoso, aparecem de forma recorrente as figuras dos pastores e do rebanho. O povo de Israel é conjunto dos eleitos de Deus, que pastam nos “Estudos da ley” (Usque 1553: fl. 14v). Em Frutuoso, o povo de Deus é o rebanho e Filomesto, o seu cordeiro. No capítulo sétimo, já armado cavaleiro, defensor das damas e da justiça, a figura de Filomesto assume as forças do Leão, símbolo solar e luminoso, defensor da justiça que destrói uma quadrilha de salteadores de estrada (Frutuoso 1998: liv. V, cap. 7). Os símbolos do cordeiro e do leão identificam, pois, Filomesto com o Salvador que há-de vir inaugurar o reino messiânico de acordo ao capítulo 11 de Isaías em que todos os elementos que aqui aparecem, cordeiro, lobo, leão etc. viverão pacificamente. Todavia, a simbologia leonina, desenvolvida por um contemporâneo de Gaspar Frutuoso, Brás Viegas, remete para Jerusalém, para a fortaleza e a força irascível, a perseguição do vício, etc. (Martins, 1999: 65-90).

---

<sup>8</sup> Actualizamos a ortografia

Filomesto defende-se dos cães, que vinham atrás do lobo, que matou, com o seu cajado, e arremeteram contra ele. Não deixa de ser curioso o simbolismo, tanto do lobo como dos cães e do rebanho. Este representa geralmente o conjunto dos fiéis e sendo o lobo a figuração do demónio, os cães que guardam o rebanho podem significar os sacerdotes católicos. Desde a antiguidade, na cultura ocidental, vingam provérbios construídos na oposição lobo/cordeiro, em dísticos, em que o cordeiro, além de símbolo da aliança entre Deus e o povo judaico, representa a figura do *Agnus Dei* ou Jesus Cristo. O lobo remete para aspectos absolutamente negativos desde a 1ª fábula de Fedro, cujo título podia ser o lobo e o cordeiro. Significa a injustiça, a ganância, a voracidade. Indiciadas como espaços da narrativa a ilha de S. Miguel e ainda a cidade de Ponta Delgada, paradoxalmente, Gaspar Frutuoso utiliza um símbolo, porventura de referência ali impossível a não ser na memória dos povoadores, o porco do monte ou javali, símbolo da luxúria. Porém, o mais rico símbolo utilizado por Gaspar Frutuoso é o do pelicano, que surge em invenção (Frutuoso 1998: liv. V, cap.11). Para os cristãos, este representa a Paixão de Cristo e a Eucaristia e para os cavaleiros templários ou para os cavaleiros rosa-cruz significa a abnegação. Para a maçonaria, o cavaleiro pelicano corresponde ao grau dezoito. Não duvidamos dos conhecimentos exotéricos de Gaspar Frutuoso. De imediato, à utilização de todo o simbolismo decorrente do pelicano, surge-nos o gavião, branco e ferido, no paradoxo da força perdida pelo caçador caçado (Frutuoso 1998: liv. V, cap. 12). No entanto, este tema conhece diferentes versões no Romanceiro, uma delas foi recolhida por Garrett que a intitulou *Por bem: As pegas de Sintra*, que remete a D. Francisco Manuel de Melo, mas esquece Frutuoso que não conhecia (Garrett: 256-258). Em nosso entender, este romance devia conservar como título o respectivo mote que aparece em todas as versões: *Gavião, Gavião Branco, Vai ferido e vai voando*. Além destes elementos do bestiário outros surgem com idêntico fim. A pérola, na espada de Filidor dada por Filomesto, pode significar tudo o que de bom quisermos, força, sabedoria, iluminação, sinal de união entre os dois amigos, que comungam os mesmos dons. Os principais cenários naturais descritos insistem na presença de árvores simbólicas. Já referimos os álamos, símbolo do trânsito deste para o outro mundo, da dor e do sacrifício. Frutuoso lembra a écloga *Crisfal* escrita por uma ninfa em um álamo.

Apartamento e saudade são a constante da vida de Filomesto. A insistência também aponta para a opção de Frutuoso em fazer uma novela triste à medida de Bernardim. Rupturas e afastamento acontecem com frequência ao longo da narrativa. A

saída da ilha significa a ruptura definitiva em relação ao pai por parte de Filomesto. Nunca mais o verá vivo e, portanto, assim fica excluída a judaização por este. O afastamento dos companheiros de viagem observa-se no capítulo quarto. A ruptura com os companheiros de infância verifica-se nos capítulos décimo segundo e décimo terceiro ficando só com Aénio. A ruptura ou afastamento de Filomesto em relação aos companheiros de viagem induzida na magnífica asserção «tudo quanto há neste mundo, além de ser desterro ou é apartamento ou saudade» carregada de platonismo, também significa a situação de exílio do povo judaico e obviamente uma nova realidade para o herói da acção que contra a sua vontade integra um novo colectivo social. A integração neste pela intervenção dos pastores assume a forma cerimonial em que intervém um novo elemento simbólico o palafrém branco que Filomesto monta e com o qual faz uma entrada régia. Todavia, sem dúvida, a nova situação de Filomesto coincide com a do povo judaico. A parémia, a propósito, usada por Gaspar Frutuoso, parece-nos elucidativa: «Um estrangeiro, e só, a tudo obedece em terra alheia» (Frutuoso 1998: liv. V, cap. 4). A cerimónia da armadura de cavaleiro daquela extraordinária figura completará este trânsito de mundos.

Elemento, particularmente simbólico, com uma referência muito próxima a Gaspar Frutuoso, decerto, anualmente observada, por ele, pois fazia parte dos festejos organizados pela vereação da Ribeira Grande, trata-se da referida «Dança de fermosas Donzelas», e que nós lemos, no *Livro de Vereações de 1578*, como baile de gitanas ou dança das fitas, rica de cor e som, tão importante localmente, que tinha mordomo próprio (Pereira 2006: 55,56, 220 e 271). Note-se, no entanto, que ele mesmo faz superar em beleza a dança das donzelas pelo cortejo de cavaleiros que, entretanto, chegara com Filomesto em seu palafrém, qual rei, que vem junto do imperador prestar vassalagem. Curiosamente, também na sua antiga freguesia ainda hoje desfilam cavaleiros anualmente, com simbologia muito próxima: as cavalhadas de S. Pedro. O amor não correspondido de Filomesto por Tomariza, pelo qual tudo troca, até a realeza ou a posse do reino de Narfendo (Frutuoso 1998: liv. V, cap. 22) tem uma longa história. Os provérbios e as parémias em alguns casos recorrentes remetem para uma extensa prática de púlpito por Gaspar Frutuoso e, deles, deixamos alguns levantados ao longo da obra analisada

<b>Tema</b>	<b>Provérbios e sentenças</b>	<b>Cap.</b>
Amor	«Quem ama Beltrão, ama seu cão»	17
Bem/mal	«O bem não se há-de dilatar a fazer, por não ter depois algum estorvo. O mal sim, porque, às vezes, no meio tempo que se espera efetuar, se muda a vontade, pera depois se não fazer»	16
Caridade	«Nunca ninguém deixe passar ocasião alguma de fazer o bem que pode, porque, como Deus não permite nenhum mal sem castigo, assi não deixa nenhum bem sem galardão, ou tarde ou cedo»	22
Cobardia	«Ao arreceoso, de pequenas sombras e leves ocasiões, lhe nascem grandes suspeitas»	5
Concorrência	«homem de teu ofício é teu inimigo»	15
Desgraça	«No ay mal, que no t'espere, que um mal trahe otro consigo»	10
Dor	«Quem do mal de outrem se dói, do seu próprio se torna a lembrar»	1
Fama	«onde ela (fama) é verdadeira, muito mais há na pessoa do que soa»	
Fatalidade	«Nunca se viu mal que não viesse muito depressa, nem bem e contentamento que muito durasse»	8
Identidade	«Um estrangeiro, e só, a tudo obedece em terra alheia»	4
Ilusão	«O nome, nem o hábito, não faz o monge» e «O nomes das coisas não se põem sem mistério»	1
Morte	«descanso da vida triste»	
Opostos	«Não há erva criada, que se aproveita pera algum bem, não tenha parte pera algum mal»	1
Persistência	«Quem trabalha, descansa; quem ama, serve; quem porfia, mata caça; quem fala, ouve e quem bem busca, as mais das vezes acha»	18
Previsão do futuro	«O edifício que há-de ser muito alto logo no começo lhe vemos os alicerces mui profundos»	2
Recompensa	«Da semente que cada um semeia, dessa mesma recolhe»	22
Saudade	«Tudo são saudades nesta vida, que forçadamente se hão-de passar até que ela acabe.»	8
Temperança	«O que a lei não proíbe a vergonha defende»	2
Vida e Morte	«Como águas, que vão nadando sobre a face da terra, somos. Uma correm diante, outras vão detrás, e todas sempre vão correndo; e pois, como palhas e juncos, que elas levam, vendo os nossos ir diante, sabemos que ficamos no remanso deste mundo, pera não deixar de ir pela água abaixo ao mar da morte, quando vier a enchente de nossos anos».	28

## **Conclusão**

A novela e a poesia, a saudade e o amor trágico, sustentam o essencial da Literatura Açoriana com um ancestral da dimensão de Gaspar Frutuoso. Nele, a Verdade conta-nos a história de dois amigos da mesma, que, de forma críptica, a escondem, paradoxalmente, em mitos, símbolos literários, exoterismo e cabala. Tentamos retirar tamanho véu àquela, mas sentimos uma certa frustração por não a termos desnudado totalmente. Aqui, deixamos alguns pormenores da vida de Frutuoso por via da História e da Literatura. Com efeito, na leitura da documentação mais antiga da actual cidade da Ribeira Grande, conhecemos os principais intervenientes no meio social em que o vigário da Ribeira Grande viveu. Pelo seu livro quinto das *Saudades da*

*Terra*, desvendamos algum do imaginário do tempo e tentamos descortinar as suas motivações. Ousadamente, diríamos que, impossibilitado de cumprir com a verdade na expressão do amor terreno, Frutuoso deixou aquela e este envoltos na maior tristeza, ou seja na solidão, no exemplo encontrado em Bernardim, embora tenha tentado encontrar saída na amizade e no amor divino. Escrito depois de Trento, reforçada a disciplina do celibato não restava outra saída ao vigário da Ribeira Grande. Não descobrimos nenhuma prova irrecusável da sua ascendência de cristão-novo. As dúvidas devem permanecer porventura para sempre. Nem todos os descendentes dos cristãos-novos puderam ser judaizados, menos ainda os que se destinaram ao sacerdócio. O expediente encontrado pela comunidade de viver na dualidade Deus/mundo, cumprindo com os preceitos judaicos com Aquele e com os cristãos para com este, não foi suficientemente forte para evitar o triunfo dos preceitos cristãos entre nós e menos ainda quando a implacável Inquisição entrou em acção e foi fazendo esquecer o judaísmo ou impediu a judaização. Fica, entretanto, toda a beleza do simbolismo ligado à diáspora, alguma da poesia e sabedoria com raízes bíblicas, outra de sabor tradicional e popular e um espelho do turbulento século XVI através de algumas das mais belas novelas portuguesas de amor.

### **Bibliografia**

#### Original e cópias manuscritas de *Saudades da Terra*

O original esteve à guarda do Colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada até 1760 e, posteriormente, do Governador de Armas de S. Miguel, do Pe. Luís Bernardo Borges de Bettencourt, de José Velho Quintanilha, dos Viscondes da Praia e dos Marqueses da Praia e Monforte e repousa actualmente na BPAPD. Cópias, há cerca de meia centena.

#### Edições Impressas de *Saudades da Terra*

*Saudades da Terra: história genealógica de Sam Miguel*, ed. de Francisco Maria Supico e José Pedro Cardozo, Ponta Delgada: Typ. do Amigo do Povo, 1867.

*As Saudades da Terra: história das ilhas do Porto-Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*, notas de Álvaro Rodrigues de Azevedo, Funchal: Typ. Funchalense, 1873.

*Livro um das Saudades da Terra*, introd. de Manuel Monteiro Velho Arruda, S.l. : s.n.], 1921.

*Livro primeiro das Saudades da Terra*, Prefácio de João Bernardo de Oliveira Rodrigues, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1963.

*Livro segundo das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1968.

*Saudades da Terra: livro III: Ilha de Santa Maria*, introd. de Rodrigo Rodrigues, Ponta Delgada: Tip. do Diário dos Açores, 1922.  
*Livro terceiro das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Inst. Cultural, 1971.  
*Liuro 4.º Das Saudades da Terra de Gaspar Frutuozo que conthem o descobrimento das Ilhas de Cabo Verde*, Ponta Delgada: Instituto Cultural, 1963.  
*Livro quarto das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Inst. Cultural, 1981.  
*Livro quinto das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Inst. Cultural de Ponta Delgada 1983.  
*Livro sexto das Saudades da Terra*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1963.  
*Saudades da Terra*, vols. 1 a 6, Prefácio de João Bernardo de Oliveira Rodrigues, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998 e 2005.  
*Saudades da Terra*, vols. 1 a 6, revisor Jerónimo Cabral Madeira, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998 e 2005

## FONTES

### Referências Quinhentistas

AVEIRO, Frei Pantalião d' (1593). *Itinerario da Terra Sancta e suas particularidades*, Lisboa: casa de Simão Lopez. (edição digitalizada).

BARROS, João de (1540). *Grammatica da lingua portuguesa*, Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum; *Dialogo da viçiosa vergonha*, Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m]; *Dialogos de preceitos moraes co[m] prática delles, em modo de jogo*, Lisboa: per Luis Rodriguez, liureiro delrey nosso senhor.

BOSCÁN, Juan (1546). *Las obras de Boscan y algunas de Garcilasso de la Vega*, Anvers: Martin Nuncio.

FALCÃO, Cristóvão, (1550). *Trouas de Chrisfal*, Lisboa: Germão Galharde.

GÓIS, Damião (1542). *Hispânia*, Lovannii: Excudebat Rutgerus Rescius, 1542;

GÓIS, Damião (1544), *Aliquot Opuscula*, Lovanii, Ex Officina Rutgeri Rescij, 1544;

GÓIS, Damião (1566-1567) *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, Lisboa, em casa de Francisco Correa, 1566-1567; *Chronica do principe Dom Ioam, Rei que foi destes Regnos segundo do nome em que summariamente se trattam has cousas sustançaes que nelles acontecerão do dia de seu nascimento atte ho em que elRei dom Afonso seu pai faleço*, Lisboa: em casa de Francisco Correa, 11 Abril 1567.

MENA, Juan de (1552). *Todas las obras del famosissimo poeta Iuan de Mena con la glosa del Comendador Fernan Nuñez sobre las trezientas*, Anuers: casa de Martin Nuncio.



RESENDE, Garcia de, *Lyuro das obras de Garcia de Rese[n]de que trata da vida & grãdissimas virtudes: & bõdades magnanimo esforço: excele[n]tes costumes & manhas & muy craros feitos do christianissimo... Rey dõ Ioão o segundo deste nome*, Lisboa: em casa de Luys Rodriguez, 12 Junho 1545.

USQUE, Samuel (1553). *Consolação ás Tribulações de Israel*, Edição de Ferrara, com estudos introdutórios de Yosef Haym Yerushalmi e José V. de Pina Martins, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

## **Bibliografia**

ARRIMAR, J. A. (1984). Cinco Cronistas dos Açores (Subsídios para a Historiografia Açoriana). in *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, XLII (1984).

BRAGA, Paulo Drumond (2008). Mulheres violentas e mulheres vítimas de violência Portugal, séculos XVI e XVII). In [http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST60/Paulo\\_Drumond\\_Braga\\_60.pdf](http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST60/Paulo_Drumond_Braga_60.pdf)

COUTINHO, Maria Ana Marques Guedes Borges, *Cristãos-novos nos Açores: o caso de Gaspar Dias*, XLV (I), 1987, pp. 625-664.

GARRETT, Almeida. *Romanceiro*, Lisboa: Ulisseia, s.d.

GONÇALVES, Flávio. (<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2047.pdf>).

MARTINS, Fausto (1999). A simbologia numérica nos Commentarii exegetici in Apocalypsim do Padre Brás Viegas, S. J.. in *Via Spiritus* 6 (1999) 65-90.

MARTINS, Mário (1975). Os antecedentes literários do rouxinol de Bernardim Ribeiro. in *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 27, Set. 1975, p. 20-31.

Pereira, António dos Santos (2003). *Portugal. O Império Urgente*, 2 vols.. Lisboa: INCM.

PEREIRA, António dos Santos (2006), *Ribeira Grande (S. Miguel – Açores) no Século XVI: Vereações (1555-1578)*, Ribeira Grande: Câmara Municipal da Ribeira Grande.

PEREIRA, Isaías da Rosa Pereira (1979). A Inquisição nos Açores. Subsídios para a sua história. in *Arquipélago. Série Ciências Humanas*, Ponta Delgada, n.º. I.

PEREIRA, Isaías da Rosa Pereira (1980). A Inquisição nos Açores. Subsídios para a sua história. in *Arquipélago. Série Ciências Humanas*, Ponta Delgada, n.º. II.

PIDAL, R. Menéndez (1968). *Romancero Hispânico( Hispano-português, Americano y Sfardy)*. *Teoria y Historia*. Madrid: Espasa-Calpe.

RAMALHO, Américo da Costa (1980). Alva, D. Julião de. in *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, I, Lisboa, Editorial Resistência, pp. 154-155

RODRIGUES, Rodrigo (1922). «Notícia Biográfica do Dr. Gaspar Frutuoso. in *Saudades da Terra*: livro I, nova ed. – Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

SERPA, António Ferreira de (1925), “*Suum quiue*”. *Um soneto a Camões pelo seu contemporâneo o Dr. Gaspar Gonçalves, Médico na Vila da Ribeira Grande, Ilha de S. Miguel, Açores. Judeus na mesma Ilha, ou o impedimento para que se não publique a obra Saudades da Terra, do Doutor Gaspar Frutuoso, conforme o original indevidamente em poder de particulares*, Porto, Liv. Civilização.

### **Sítios**

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2047.pdf>.

<http://saudadesterra.googlepages.com/livro5.pdf>

<http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num6/art7.html> (bestiário)

<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/arquivos/texto/0006-2202.html#DEDOMJOAMDEMENESESA>